

CARINA RISSI

destinado

As memórias secretas do sr. Clarke

UM LIVRO DA SÉRIE

perdida

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

1

As vezes a vida é boa. Algumas vezes é fácil. Raramente é perfeita. Então eu estava muito ciente da sorte que tinha. Se alguém buscasse em um dicionário a definição da palavra “felicidade”, certamente encontraria o meu nome ali.

Tinha sido assim nos últimos dezoito meses.

E era assim que eu me sentia naquela manhã ao sair de casa, pouco depois de o sol raiar, para fazer uma entrega. O dia estava particularmente agradável, fresco, sobretudo levando-se em consideração que já era novembro. Ao que parecia, o verão de 1831 seria mais ameno que o anterior. Uma sexta-feira perfeita para uma corrida, ponderei. E o corcel negro sob mim concordava, pois abaixou a cabeça, pronto para disparar. Estreitei as guias a fim de detê-lo.

— Mais tarde, Storm — prometi, dando tapinhas gentis em seu pescoço.

Ele resfolegou de leve, como se dissesse: “Mas que chatice, Ian”. Eu sabia exatamente como ele se sentia; a frustração por se conter, entediado por ter de ir mais devagar. Storm adorava disparar em retas tanto quanto eu, mas, com a égua atrelada a sua sela, seria muito imprudente. Então eu o mantive sob rédea curta durante todo o trajeto até a propriedade dos Bernardi. Os novos vizinhos tinham se mudado havia pouco, e o estábulo estava praticamente vazio. Esse era o motivo pelo qual eu estava ali. O senhor Bernardi tinha ouvido sobre os meus cavalos e dias antes fora visitar meu estábulo, abastecido com os melhores espécimes. Escolhera uma magnífica égua puro-sangue inglês de pelagem tordilha, que agora reluzia seus padrões de cinza depois de eu tê-la escovado antes de sair. Estrela era muito ágil e robusta, mas dócil como um gatinho.

Cheguei ao destino pouco antes do almoço. Tão logo emparelhei Storm e Estrela em frente ao casarão, a porta se abriu e o próprio senhor Bernardi surgiu sob o batente, sorrindo ao me ver. Começou a descer as escadas, parecendo ansioso, enquanto eu saltava do lombo de Storm.

— Senhor Clarke, que grata surpresa vê-lo aqui assim tão cedo. — Ele ajeitou a gravata, presa por um alfinete de pérola. Rendas despontavam das mangas de seu paletó de brocado. As calças curtas terminavam na altura dos joelhos, onde meias de seda branca começavam. Os sapatos de salto enfeitados por laços compunham uma imagem pouco máscula. Mas o que eu entendia de moda, afinal? — Eu esperava que viesse só depois do almoço — disse ele.

— Como sabe, ofereceremos um baile esta noite. — *Mais um*, resmunguei mentalmente, ao fazer um gesto de cortesia para cumprimentá-lo. — Temi ficar detido depois do almoço, por isso me adiantei. É uma bela propriedade, senhor Bernardi.

Ele colocou as mãos nos bolsos do colete, feito com o mesmo tecido do paletó, estufando o peito arredondado, admirando suas posses.

— A melhor da região, estou certo.

Aquela não era a primeira vez que eu punha os pés naquelas terras. No entanto, já fazia tanto tempo que quase não me lembrava do lugar. Eu tinha pouco mais de oito anos de idade quando estivera ali, e as circunstâncias não foram nada agradáveis.

Na época, a propriedade pertencia à família Dornelles, e uma das mais temidas pragas entre os criadores de cavalos se abateu sobre o estábulo do senhor Vasco. Tão logo se espalhou a notícia de que o mormo havia chegado à região, todos os criadores se puseram em alerta, inclusive meu pai. A doença, porém, alastrou-se ainda assim e dizimou quase todos os belos animais do senhor Dornelles. Os poucos que restaram foram sacrificados dias depois, pois o medo recaiu sobre a região com a triste notícia de que o cavaliço da família havia contraído a doença. Meu pai ajudou os vizinhos como pôde, tomando providências e disparando ordens de maneira quase militar, enquanto o senhor Vasco tentava acalmar os poucos empregados que permaneceram na fazenda. A maioria fugiu tão logo soube do contágio de mormo em um ser humano. O cavaliço não resistiu. Apesar do enorme prejuízo com a morte de animais, não houve outras vítimas humanas. Eu ainda me lembrava do cheiro pungente das carcaças em chamas, do fogo destruindo o estábulo e tudo o que se encontrava ali dentro, das labaredas erguendo suas línguas cor de laranja em direção ao céu. Tudo foi reduzido

a cinzas em poucas horas. Os Dornelles, muito abalados pela tragédia, mudaram-se pouco depois, e desde então a grande casa branca de janelas azuis, rodeada pela larga varanda, estava fechada. Isso até o mês passado. Um novo estábulo foi construído às pressas, a casa recebeu os cuidados necessários para abrigar os novos moradores e, embora o jardim em frente às escadas precisasse da atenção de um bom jardineiro, o lugar estava novamente agradável.

— Ah, aí está a minha égua. — Bernardi se aproximou de Estrela. — É tão bonita quanto eu me lembrava. Será tão mansa quanto o senhor diz?

— Garanto que jamais lhe trará qualquer problema. Eu mesmo a amansei.

— Excelente! Vamos, meu rapaz. — Ele pousou a mão em meu ombro. — Vamos levá-la ao meu estábulo. Tenho trabalho esperando por esta belezinha.

Comecei a desfazer o nó do arreio preso à sela de Storm quando um alvo-roço que parecia vir da lateral da casa me deteve.

— Mas que diabos! — cuspiu Bernardi, afastando-se para ver o que estava acontecendo.

Eu o acompanhei, mas parei assim que contornamos a casa. Um pangaré tinha duas patas arriadas. Como estava atrelado à carroça, os tambores de leite que carregava colidiram, causando o rebuliço que eu ouvira instantes antes. O empregado havia descido da carroça e tentava a todo custo fazer o animal se levantar.

Eu duvidava que conseguisse. As condições daquele pangaré eram de dar pena. A pelagem acastanhada estava rala e opaca em muitos pontos, as costelas proeminentes, havia feridas nos flancos e lombo, e eu apostaria minha vida que lhe faltava uma das ferraduras. A da pata traseira esquerda, pela maneira como ele coxeava.

— Maldito animal dos infernos! — Bernardi se aproximou de seu empregado e lhe tomou o chicote. — Levante-se, seu monte de pulgas inútil! Levante-se! — E começou a açoitar o animal.

— Pare com isso! — gritei, me aproximando dele em duas passadas. — Ele está fraco. Não vê que assim vai matá-lo?

— Não me servirá de muito mais, de toda maneira. Foi por isso que comprei aquela égua. Para executar as tarefas desta besta imprestável. Levante-se, diabos!

O chicote estalou mais uma vez, e o som do couro contra as costelas descarnadas do pangaré fez meu sangue ferver nas veias.

— Vejo uma besta aqui — cuspi entredentes. — Mas não o pobre animal que o senhor pretende matar a chibatadas. É assim que costuma tratar seus cavalos?

— A maneira como conduzo minha propriedade ou meus cavalos não lhe diz respeito, senhor Clarke. Sua função é trazer-me a égua, pegar seu dinheiro e ir embora sem se intrometer em meus assuntos. — Ele chicoteou o animal com ainda mais vigor, e, fraco como estava, o pangaré arriou de vez enquanto o homem esfolava seu lombo.

Foi a gota-d'água. Segurei o braço do "cavalheiro", aquele que erguia o chicote sem dó. Gostaria que ele tivesse feito algo mais além de virar a cabeça e me encarar com desaforada indignação, pois assim eu teria uma desculpa para jogá-lo no chão, tomar-lhe o chicote e tratá-lo com a mesma cortesia que ele dispensara ao animal. Entretanto, covarde que era, apenas ficou ali, me olhando com desprezo.

Consegui me conter o suficiente para perguntar, com a mandíbula trincada:

— Quanto quer por ele?

Suas sobrancelhas arquearam-se em surpresa.

— Quanto quer por ele? — repeti, sem paciência.

Seu olhar reluziu e um sorriso desprezível esticou o rosto roliço.

— Quer comprar este saco de pulgas, senhor Clarke? Pois bem. — Ele me disse o valor. Era duas vezes o que eu pedira pela égua.

Eu o soltei com um safanão e peguei as moedas no bolso do paletó. As sobrancelhas do sujeito subiram tanto que quase tocaram a linha onde os cabelos ralos e finos começavam.

Ora, mas que inferno, eu mesmo não podia acreditar que pagaria tanto por um animal semimorto, que não teria nenhuma utilidade para mim. Meu estábulo era habitado por puros-sangues, altamente treinados e bem tratados do momento em que nasciam até a venda. O que eu faria com aquele pangaré esfolado, que me custaria o mesmo que dois bons andaluzes, eu não fazia ideia. Contudo, não havia como deixar aquela propriedade sabendo o que o "cavalheiro" pretendia fazer com ele.

Joguei o dinheiro ao senhor Bernardi sem muita cortesia e, sem perder tempo, comecei a desafivelar as tiras que prendiam o pangaré à carroça. O empregado, ao perceber que o negócio havia sido firmado, prontificou-se a me ajudar. Examinei brevemente as feridas do animal enquanto o libertava. Algumas eram profundas, e eu não estava certo se cataplasmas fariam diferença. Como eu desconfiara, faltava-lhe uma das ferraduras. Outra estava se soltando e precisava ser substituída. Não era para menos que o animal mal se sustentasse sobre os cascos.

O bicho se aprumou um pouco assim que se viu livre do peso da carroça, resfolegando.

— Isso mesmo. Vamos sair daqui — eu disse a ele, correndo os dedos de seu focinho úmido até as orelhas pontudas para pegar o arreio e trazê-lo para a frente. O gesto o assustou, no entanto, e me perguntei a quanta crueldade ele havia sido submetido nas mãos daquele sujeito repugnante. Mais uma vez lutei contra o desejo de pegar o chicote e ensinar ao senhor Bernardi com quantas tranças se fazia um bom açoite.

Guiei o pangaré — devagar, devido a seu estado — até a sela de Storm, onde substituí o cabresto por um pedaço de corda que eu levava no alforje. Prendi a corda ao redor de seu pescoço com alguma dificuldade, já que ele não parava de se agitar, e a outra ponta à sela de Storm. O senhor Bernardi me vigiava de perto, brincando com as moedas em sua palma.

— Bem, posso dizer que estou muito satisfeito em negociar com o senhor. O que me pagou é o bastante para comprar esta égua e talvez ainda me sobre para mais uma...

— Certamente é o suficiente. Mas, sabe, senhor Bernardi... — Eu me aproximei dele. O sujeito deu um passo para trás, tropeçando naqueles ridículos sapatos de salto, os olhos arregalados como os de uma corça. — Não negocio com animais, apenas os vendo.

Ele piscou, atordoado.

— Como disse?

— Estrela não está mais à venda. Na verdade, nenhum dos meus cavalos está disponível para o senhor.

Eu me dirigi para minha montaria e apoiei a ponta da bota no estribo, encaixando-me na sela com agilidade.

Bernardi permanecia no mesmo lugar, fitando-me com a boca escancarada.

Cutuquei os flancos de Storm com os calcanhares, mas o sujeito resolveu se mexer, apressando-se em minha direção e estupidamente levando a mão ao cabresto de Storm.

— Espere um pouco, rapaz. E quanto a minha...

Storm não gostou que o homem o tocasse e empinou, as patas dianteiras se agitando com entusiasmo a pouco mais de um palmo da cara horrorizada de Bernardi. Agarrei-me ao arreio e comprimi as pernas em torno de seus flancos para não acabar caindo. Por sorte, os cavalos atrelados à sela se mantiveram imóveis, ou eu estaria em sérios apuros. Um gritinho muito embaraçoso escapou da garganta de Bernardi. Entendendo aquilo como um elogio, Storm resfolegou, exibindo-se um pouco mais. Naturalmente, o sujeito decidiu sair de seu caminho.

Encurtei as rédeas e fiz Storm se aquietar e voltar a andar.

— Preciso desta maldita égua — o homem vociferou. — Quem vai puxar a carroça agora?

— Como o senhor mesmo apontou de maneira tão cortês ainda há pouco, isso não me diz respeito.

Ele tentou me acompanhar, escorregando na grama com seus sapatos delicados, o rosto adquirindo um tom escarlate.

— Volte aqui com a minha égua!

— Tenha um bom dia, senhor Bernardi. — E obriguei Storm a manter o trote suave.

— Volte aqui! — Ele girou o corpo na direção do empregado: — Não fique aí me olhando! Faça alguma coisa, idiota! Ele está levando meu cavalo embora!

— Mas o senhor o vendeu! — A voz do rapaz parecia confusa.

— Ah, cale a boca, maldito inútil. Eu procurarei a justiça! — gritou Bernardi, ainda mais alto. — Está ouvindo, senhor Clarke? O senhor vai me pagar por essa afronta!

Eu gostaria que ele fizesse isso. Adoraria poder dizer diante de todos que espécie de homem era o senhor Bernardi. O juiz Guilhermino Carvalho, além de justo, era frequentador assíduo das casas de jogos da cidade, e seu apreço pelos cavalos era notório, tão grande quanto o que nutria por suas três amantes. Caso Bernardi recorresse mesmo à justiça — coisa de que eu duvidava, tendo testemunhado o grande covarde que ele era —, ninguém nas redondezas lhe venderia nem mesmo um jumento. De todo modo, eu teria de alertar todos os criadores das redondezas sobre seus hábitos de tortura para com os equinos. Não era muito, mas era o que eu podia fazer para impedir que outros animais fossem judiados. Bernardi que puxasse a própria carroça, se quisesse.

O sujeito continuou berrando até eu estar longe o bastante para que sua voz se tornasse apenas um zumbido irritante.

Mantive o ritmo lento durante todo o trajeto, mas volta e meia Storm e eu grunhíamos. Ele de frustração por ter tido de se conter, eu por... bem, pela mesma razão.

Fazia muito tempo que eu me habituara a voltar para casa o mais rápido que pudesse. Jamais gostei de me ausentar por muito tempo. Sobretudo desde a morte de meus pais, quando a tutela de minha irmã, Elisa, caíra em meu colo. Muita coisa havia mudado desde aquela época. Minha irmã já não era uma menina: estava completando dezessete anos naquela sexta-feira e podia muito bem lidar com minha ausência. Prova disso era a ansiedade que o baile que comemoraria

seu aniversário lhe provocara. Ela estava nas nuvens, a expectativa reluzia em seus olhos, e eu tinha medo de analisar o motivo disso mais a fundo.

Entretanto, a inquietação e a impaciência que me dominavam agora não eram originadas pelo corre-corre de um baile nem mesmo pelo futuro incerto de minha irmã caçula. Minha frustração respondia por outro nome. O mesmo nome que também era responsável por todos os meus sorrisos. E também por todas as minhas dores de cabeça, acrescentei ao chegar aos limites de minhas terras e avistar ao longe o faetonte, seguido por um rastro de poeira denso feito um nevoeiro.

A causa disso?

A condução perigosamente acelerada e audaciosa de minha imprudente esposa.

— Maldição, Sofia. — E disparei a seu encontro, tão rápido quanto a carga que eu arrastava me permitiu. — Pelo amor de Deus, Sofia, vá mais devagar com essa coisa! — berrei por sobre o ruído produzido pelo impacto das rodas no chão de terra batida.

— Mas eu tô devagar! — ela gritou de volta. O sorriso em sua boca rosada me fez praguejar em português, inglês e alemão. Caso eu tivesse aprendido alguma outra língua, a teria usado também.

Minha vida podia ser definida em antes e depois de Sofia.

Antes de Sofia, tudo era pacato, previsível e monótono. Eu passava os dias cuidando do estábulo, das propriedades arrendadas e da educação de Elisa. O único assunto que me preocupava era minha irmã estar crescendo rápido demais, e já fazia algum tempo que eu tinha percebido que não era mais tão útil quanto costumava ser, que as dúvidas que rondavam sua cabeça não podiam ser decifradas por um irmão mais velho. Por isso eu cogitara me casar, a única opção que me parecia ideal. Eu já tinha vinte e um anos, idade suficiente para decidir o que fazer da vida. O *com quem* tinha sido o grande problema. Eu conhecia todas as jovens da redondeza, e nenhuma delas causava em mim mais do que uma educada admiração. Meu pai sempre dizia que, quando encontrasse a mulher que estava destinado a amar, eu saberia. Por muito tempo pensei que, pela primeira vez na vida, ele se enganara.

Então veio o depois, quando conheci Sofia. Bastou um olhar, apenas *um olhar*, para que eu perdesse o coração, o fôlego e também o raciocínio. Eu a amei desde o primeiro instante, mesmo que ainda não soubesse disso. E, sendo Sofia como é, entrou em minha vida feito uma carroça desgovernada, atropelando-me, fazendo-me entender coisas que antes eu não compreendia e me sentir tão feliz com isso que às vezes doía.

E doeu, de fato. Dilacerou-me a alma quando ela teve de partir. No entanto ela regressou, e desse dia em diante minha vida nunca mais foi a mesma. Sofia preencheu todas as lacunas, todos os hiatos que eu nem havia me dado conta de que estavam ali, apenas esperando que ela os reivindicasse. Ela me tornou completo, e ainda me deu o presente mais maravilhoso de todos: Marina, que, mesmo tão pequena, já dava mostras de uma personalidade muito semelhante à da mãe — o que era preocupante.

Desnecessário dizer que eu amava Sofia incondicionalmente. Não havia nada que eu não fizesse por ela. Não havia limites que eu não ultrapassasse para vê-la feliz. Até mesmo meus próprios limites. Prova disso era o maldito faetonte que ela conduzia de maneira alucinada.

Onde diabos eu estava com a cabeça quando comprei aquela coisa para ela?

Sofia era diferente, e eu sempre soube disso. Apenas mais tarde cheguei a saber que essa distinção não se devia ao gênio forte ou ao caráter decidido, mas ao fato de aquela garota ter nascido e vivido em um tempo completamente diferente do meu. Naturalmente, eu custara a acreditar que ela tinha vindo do futuro. Do ano 2010! Isso eram cento e oitenta anos à frente do meu tempo. E ela abandonara tudo por mim, por nós. Sua adaptação ao século em que eu vivia não tinha sido fácil, sobretudo porque ela precisava de certa liberdade para se sentir no controle de alguma coisa, e se locomover sozinha sempre fora um problema. Ela tinha dificuldade para aprender a montar, se acovardava sobre o lombo de qualquer cavalo, por mais dócil que ele fosse. Por isso eu havia comprado para ela aquele faetonte, leve, ágil e fácil de conduzir. O que eu não antecipara era que minha insensata esposa gostaria tanto do presente que mal poderia esperar até que eu lhe ensinasse os comandos para sair a toda velocidade, sem respeitar uma única maldita regra de segurança!

Ela continuou se aproximando rápido demais, os cabelos de uma rica cor de mel, quase ouro, ricocheteando em todas as direções. O prazer indisfarçável que aquilo lhe dava fazia seus olhos castanhos brilharem como topázios...

Ela acabaria se matando se não diminuísse a velocidade.

— As rédeas! Puxe as rédeas!

— Ah, é! Para, Lua. Para! — Ela puxou as guias de uma vez, quase me causando um ataque do coração. Os cascos da égua cinzenta derraparam na grama, e uma das rodas do faetonte perdeu o contato com o chão. Meu estômago embrulhou, o medo me deixou lívido. Eu estava longe demais, não conseguiria alcançá-la a tempo. Tudo o que pude fazer foi assistir, impotente, ao acidente que certamente mataria a mulher que eu amava.



O mundo congelou naquela fração de segundo. A freada brusca arrastou Lua para a frente, e o faetonte sacolejou de um lado a outro. A égua se agitou com o peso que ameaçava derrubá-la, e, graças a isso — ou a um milagre da divina providência —, a roda elevada bateu no chão com um forte impacto.

— Aí, menina! Arrasou geral — exclamou Sofia quando por fim o faetonte se aprumou.

Soltei o ar com força, só então me dando conta de que havia prendido o fôlego.

Um século depois — ao menos foi o que me pareceu — eu a alcancei.

— O que você estava fazendo, Sofia? Tentando se matar?

— Eu só estava indo um pouquinho mais rápido que o normal.

— Um pouquinho mais rápido? — Emparelhei Storm com o faetonte. — Quase tive um ataque do coração. Pensei que teria de tirar você de debaixo dessa carroça! *Morta!*

— Que exagero, Ian.

Sem perceber como eu estava furioso, ela largou as rédeas sobre o assento de veludo verde — completamente soltas! *Deus me ajude!* — e ficou de pé no faetonte.

— Você saiu muito cedo hoje. — Ela se inclinou, apoiando a mão na lateral da pequena carruagem para me beijar.

A doçura de sua boca quase me fez esquecer que ela estava se equilibrando sobre um veículo sem condutor algum. Quase.

Prendi um braço firmemente ao redor de sua cintura, apoiando as pernas na barriga de Storm. Eu me estiquei e, com a mão que ainda segurava as rédeas do cavalo, alcancei as de Lua.

— Quantas vezes terei de dizer que você não deve deixar as guias soltas? Lua é capaz de disparar, e eu nem quero pensar no que pode acontecer!

— Mas a Lua é tão boazinha. Pode confiar nela, Ian.

— Já que em você eu não posso, não é? — murmurei, frustrado. — Você me prometeu que iria devagar, Sofia!

— Mas eu *estava* devagar. Bom, quase. — Ela brincou com as lapelas do meu paletó.

Grunhi, entregando a rédea de Lua para ela e abandonando a de Storm à própria sorte. Ele vinha se comportando bem no último ano e já não tentava fugir havia tempos.

— Afaste-se — ordenei a ela. E acredito que, por meu tom pouco contente, ela percebeu que eu estava prestes a explodir. Com os olhos fixos nos meus, Sofia apertou as cordas de encontro ao peito e deu um passo para trás.

Ela me observava como um animal acuado diante de um predador, mas de maneira alguma disposta a fugir. Passei a perna por cima da cabeça de Storm e me juntei a ela. A pequena carruagem sacudiu com a adição de meu peso, fazendo Sofia se segurar no encosto do estofado.

— O que vai fazer? — Ela se endireitou e me encarou, os dedos se enrolando nas laterais da saia de seu vestido xadrez azul e branco.

— O que quero fazer desde que a vi voar por esta estrada. — Uma coisa era eu me arriscar em alta velocidade. Tinha praticamente nascido no lombo de um cavalo. Outra, completamente diferente, era Sofia, com sua falta de talento com os equinos, fazer isso.

— E isso seria... hã... torcer o meu pescoço? — Ela ergueu as mãos quando tentei me aproximar e, pelo amor de Deus!, soltou as rédeas de novo.

— Não, embora a ideia seja tentadora neste momento. — Relanceei as cordas. Sofia seguiu meu olhar e se apressou em segurá-las outra vez.

— Ian, eu juro que não vou mais correr. Juro mesmo!

— Você me disse isso outras vezes e continua descumprindo sua promessa. Como posso confiar em você? Como posso permitir que saia por aí sozinha? Se não quer pensar em sua integridade física, então pense em Marina, pense em mim! Se eu tiver de retirar seu corpo de debaixo desta coisa, pode ter certeza de que também estarei morto. Estarei mesmo, Sofia, eu lhe asseguro.

— Desculpa. — Ela se encolheu, como se sentisse dor. — Eu não percebi que estava indo tão depressa. E aí eu vi você e... Bom, eu estava morrendo de saudade. Você saiu tão cedo, a gente mal se viu. Só queria chegar logo.

— Diabos, Sofia! — Eu a alcancei, afundando os dedos na carne de seus ombros. Não sabia se para sacudi-la ou abraçá-la. — Como ficar furioso com você por mais de um minuto?

Seus lindos olhos castanhos arderam feito um braseiro.

— Talvez seja essa a intenção.

Acabei por abraçá-la, uma das mãos buscando seu rosto, a outra se moldando ao vão de sua coluna. Apertei-a de encontro a mim, prendendo suas mãos e as guias entre nós, apenas para me certificar de que ela não voltaria a soltá-las. Inclinei a cabeça até minha boca estar a centímetros da dela.

— Nunca duvidei disso, Sofia. Nem por um instante. — E então a beijei.

O beijo foi longo, molhado e fez meu corpo todo esquentar. Mesmo acordando ao lado de Sofia todos os dias do último ano e meio, o efeito que ela exercia sobre mim ainda era o mesmo do nosso primeiro beijo. Coração acelerado, pele em chamas, mãos suando, sentidos aguçados, uma fome dela que, eu sabia, jamais seria completamente saciada, por mais que eu tentasse. E, ah, eu vinha tentando. Com muito afinco. Às vezes temia que em algum momento ela me mandasse dormir no estábulo e deixá-la em paz, para variar. Para minha sorte, ela nunca disse nada semelhante, já que parecia padecer da mesma fome que eu.

— O que vou fazer com você? — Apoiei a testa na sua quando as coisas ameaçaram sair de controle.

— Continuar me beijando? — ela sugeriu com um sorriso.

— Falo sério, Sofia. Sabe quantas pessoas eu conheci que perderam a vida por causa de uma imprudência sobre o cavalo ou em um veículo? Meu coração parecia que ia sair pela boca quando vi o faetonte quase tombar. — Afastei-me o suficiente para poder olhá-la nos olhos. — Não queria ter de fazer isso, mas vou me livrar dele.

A indignação tingiu de vermelho o rosto de Sofia.

— O quê? Você não pode fazer isso! Ele é meu!

— E essa foi a única razão que me impediu de atear fogo nele até agora. Mas não posso permitir que você se coloque em tamanho risco. Não vou permitir que, por imprudência, você deixe nossa filha órfã. Ela precisa de você. *Eu* preciso de você, Sofia.

Ela fitou as mãos presas entre nós.

— Foi mal, Ian. Sinto muito. Não quis te deixar preocupado.

— Mas deixou. Toda vez que vejo você sobre esta maldita carroça, fico em pânico. Vou me livrar dela antes que o pior aconteça, e pouco me importa se você vai me odiar pelo resto da vida por isso. Contanto que esteja viva para me odiar, tudo bem.

Sofia ergueu aqueles misteriosos olhos castanhos para mim.

— Vou mais devagar de agora em diante. Prometo, Ian.

Eu a fitei, não acreditando nela nem por um momento.

Ela bufou.

— Tudo bem, que tal isto? Eu vou andar *tão* devagar que até as lesmas vão me ultrapassar — arriscou. Abri a boca para dizer mais uma vez que ela já havia quebrado essa mesma promessa, mas Sofia pousou um dedo sobre meus lábios. — Se eu não cumprir com a minha palavra, você pode fazer o que quiser com o faetonte.

— Como poxo acreditar em voxê? — resmunguei sob a pressão de seu dedo.

Ela ergueu os ombros e voltou a olhar para a mão espremida entre seu peito e o meu.

— É que eu não tinha percebido que estava me colocando em perigo até quase perder o controle hoje. Meus pais morreram em um acidente de carro. Não posso permitir que a Marina passe pela mesma coisa. Deus do céu, nem você!

Toquei seu queixo, obrigando-a a olhar para mim.

— Sinto muito. Não era minha intenção trazer essas recordações. — Eu sabia muito bem quanto aquilo podia machucar. — Mas eu já perdi você uma vez, Sofia. Não me obrigue a reviver esse pesadelo.

— Não vou mais correr. Prometo, Ian. — Ela ficou na pontinha dos pés e selou sua promessa com um beijo. E ficava realmente muito difícil não acreditar em Sofia quando ela me beijava daquela maneira. Doce, cálida, entregue.

— Pensei que não fosse trabalhar hoje — falei, quando libertei sua boca.

— Eu não ia. Mas a senhora Herbert me mandou uma mensagem pedindo que eu fosse até a pensão. A coitada tá derrubada na cama por conta de uma gripe e ficou com medo de não conseguir trabalhar na segunda, então me inteirou do que deveria ser feito. Tadinha, Ian, ela mal conseguia falar uma frase inteira sem começar a tossir. Até tossiu na minha cara quando fui ajudá-la a se ajeitar na cama. — Sofia fez uma careta. — Depois eu dei um pulo na venda antes de vir para casa.

Cerca de um ano e meio antes, Sofia dera início a uma pequena fábrica de cremes para cabelos, e desde então seu negócio só se expandia. O estabelecimen-

to ficava próximo da propriedade, mas o casebre já estava se tornando pequeno. Um comerciante português que visitava um parente na vila soube do sucesso do produto entre as damas e ficou particularmente interessado. Sofia agora fazia planos para exportar.

No começo, ainda grávida, ela participava de todas as linhas de produção, da escolha das frutas à obtenção do produto. Depois do nascimento de Marina, algo dentro dela se modificou, e Sofia decidiu deixar a fábrica sob a mão firme da viúva Herbert.

Sofia ficara decepcionada quando oferecera o cargo a Madalena e esta recusara. A mente moderna de minha esposa não compreendia que uma mulher como Madalena só se sentisse feliz e útil quando estava cuidando de pessoas, não de frutas. O oposto ocorria com a velha viúva Herbert, dona da única pensão nas redondezas: assim que soube que Sofia procurava alguém para assumir a direção da fábrica, a mulher se viu feliz da vida por ter novamente funcionários a quem dar ordens.

Sofia agora fazia aquilo de que mais gostava e entendia: administrava seu próprio negócio.

Foi interessante observar as mudanças que aquela pequena fábrica de cosméticos causou nas mulheres da vila. Muitas delas acharam escandaloso o fato de a esposa do senhor Clarke trabalhar. Mas para outras tantas o efeito foi o oposto. Se uma dama como a senhora Clarke podia ocupar seus dias com algo lucrativo, então elas também podiam. Algumas se candidataram a um emprego na fábrica. Outras — as mesmas que tinham dado ouvidos a minha mulher na questão da crinolina e entendido o perigo que ela representava —, incentivadas por Sofia, largaram os bordados e se arriscaram em seus próprios empreendimentos. Os homens se indignavam com o comportamento “inadequado” de suas mulheres, mas, uma vez que elas experimentavam a liberdade, não podiam mais ser trancafiadas como bibelôs. Eles me culpavam por isso, naturalmente. E eu não podia me importar menos. Sofia mudara o mundo daquelas mulheres, ampliara seus horizontes, quebrara barreiras, exatamente como tinha feito comigo. Dava-me um orgulho danado ter a meu lado uma mulher inteligente e corajosa como ela, e, para ser franco, dava-me paz de espírito também. Se algo porventura me acontecesse um dia, Sofia jamais teria de mendigar a ajuda de ninguém. Ela cuidaria de si mesma, de Elisa e de nossa filha com alguma de suas ideias mirabolantes.

— E você? — perguntou ela, notando a presença dos três cavalos. — Pensei que fosse entregar a égua para o tal seu Bernardi.

— Era o que eu pretendia. Mas houve problemas.

— De que tipo?

Contei a história a Sofia, a raiva se inflamando de novo. E ela se mostrou tão indignada com a atitude do sujeito que eu quis beijá-la outra vez. Está certo, eu sempre queria beijá-la. Mas saber que ela me compreendia fez esse desejo se tornar ainda mais agudo.

— O que pretende fazer com ele? — Sofia apontou com a cabeça para o pângaré.

— Vou cuidar dos ferimentos, alimentá-lo e esperar por um milagre. É tudo o que posso fazer no momento. — Empurrei para trás da orelha uma mecha de seus cabelos ondulados.

Um sorriso de canto de boca lhe esticou o rosto, e Sofia deitou a cabeça em meu ombro, mantendo os olhos em mim.

— O que foi? — perguntei, curioso.

— Nada. Só estava aqui pensando em quanto eu me orgulho de ser a sua senhora Clarke.

Um misto de prazer e deslumbramento trouxe um sorriso estúpido ao meu rosto, e fui vencido pela necessidade de beijá-la novamente.

Coração acelerado. Pele em chamas. Mãos suando. A urgência de trazê-la para ainda mais perto. Tocá-la em tantos lugares quantos pudesse alcançar. Por isso, antes que minhas mãos tivessem tempo de, digamos, iniciar uma batalha com os botões de seu vestido, obriguei-me a soltá-la.

— Acho melhor voltarmos, antes que eu cometa uma besteira que nos coloque em apuros.

— Que tipo de apuros? — Ela roçou a ponta do nariz em meu pescoço.

Ah, inferno.

— Do tipo que me poria atrás das grades e mesmo assim eu não seria capaz de deixar de sorrir. — Seu pescoço delgado era tudo o que eu podia ver agora. Não resisti e corri um dedo pela pele delicada. Eu adorava particularmente aquela curva em que o ombro e o pescoço se encontram.

Ela riu em minha garganta e se afastou justamente quando eu pretendia beijar aquele ponto específico onde, eu bem sabia, ela era muito sensível.

— Vamos, então. Não podemos nos atrasar para o baile de aniversário da Elisa.

O maldito baile. Com tudo o que tinha acontecido nas últimas horas, acabei me esquecendo dele. Fechei a cara.

— Acho que mudei de ideia, Sofia. Prefiro ficar aqui, beijando você, e correr o risco de acabar sendo preso a ter de comparecer a mais um baile.

Ela deu risada outra vez.

— Sua irmã ficaria muito chateada se te ouvisse falando isso.

— Eu sei. — Bufei, tirando minhas mãos de Sofia muito a contragosto. — Muito bem, vamos para casa. — Usei como apoio a lateral do faetonte e saltei direto para a sela de Storm.

Sofia manteve os olhos fixos em mim, mordendo o lábio.

— O que foi? — Eu me ajeitei na sela.

— Muito impressionante, senhor Clarke.

Meu rosto queimou. Eu não queria me exhibir... muito.

— Por que foi até a venda? — Inclinei-me para pegar as guias de Storm. — Esqueci de comprar alguma coisa?

— Não, não. É que... O problema foi que... humm... — Seus ombros caíram quando ela abriu os braços, desamparada. — A Nina gostou muito dos enfeites de cristal que a sua tia insistiu em mandar. Uns trecos para colocar nos guarda-roupas.

Senti um nó no centro do peito.

— Marina se feriu?

— Não! — ela se apressou em responder. — Os cacos caíram bem longe dela. Mas tive que ir até a venda ver se tinha alguma coisa parecida para substituir os que ela quebrou. Achei uns bem bacanas. Não têm nada de frescura como os da Cassandra, nem são muito parecidos, mas acho que ninguém vai reparar.

— Quantos Marina quebrou?

— Só seis. — Ela se encolheu. — Mas foi sem querer! Humm... Pelo menos o primeiro.

— Como assim?

— Ela meio que achou divertido arremessar os cristais na parede. Você precisava ver a carinha dela quando aquelas argolas se espatifavam em um milhão de cacos. — Seus olhos reluziram. — Foi a coisa mais fofa, Ian.

— Sofia! — Fiz o melhor que pude para não rir.

— O quê? Eu não deixei ela fazer isso! Mas eu estava ocupada, falando com a Elisa. Quando percebi, a Nina já estava dentro da caixa. Agi o mais depressa que pude. Aliás, deixar os enfeites no chão da sala, ao alcance daquelas mãozinhas ligeiras, não foi ideia minha!

Acabei rindo. Não tive escolha.

— Estou certo de que ninguém vai reparar que não fazem parte de um jogo de argolas para guardanapos. O importante é que ninguém se feriu. Especialmente Marina.

— É. — Ela se acomodou no assento, empunhando as rédeas. — E é por isso que eu tô doida para voltar para casa. Já faz mais de uma hora que eu saí. Só Deus sabe o que a Nina pode ter aprontado nesse meio-tempo. E nem quero pensar no que pode acontecer esta noite!

Comecei a rir outra vez, quando uma rajada de vento fez meus cabelos sacudirem. Sofia esfregou os braços.

— Humm... — resmungou ela, o olhar subitamente aflito.

— Está com frio? — Eu já retirava o casaco.

— Não, não precisa, Ian. Foi só um arrepio. Uma... sensação ruim.

— Foi apenas o vento, meu amor.

Mas eu devia ter lhe dado mais atenção. Refletindo agora, gostaria de ter dado ouvidos ao sexto sentido de minha esposa e de ter feito escolhas diferentes. Infelizmente, ignorei que algo perturbava Sofia, assim como desconsidere os pelos eriçados em meus braços e a fria sensação que tinha na boca do estômago.

O fato de eu ter ignorado tudo isso não impediu os acontecimentos daquela noite odiosa. A noite em que meu pior pesadelo começou a tomar forma.